

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
TUTTO FELLINI!  
A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano  
2 e 5 de novembro de 2020

## LUCI DEL VARIETÀ / 1950

um filme de **Alberto Lattuada** e **Federico Fellini**

**Realização:** Alberto Lattuada e Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini, Tullio Pinelli, Alberto Lattuada, Ennio Flaiano / **Fotografia:** Otello Martelli / **Cenários e Figurinos:** Aldo Buzzi / **Montagem:** Mario Bonotti / **Música:** Felice Lattuada (Canção de Roman Vatro e Mario de Angelis) / **Intérpretes:** Peppino de Filippo (Checco Dalmonte), Carla Del Poggio (Liliana “Lilly” Antonelli), Giulietta Masina (Melina Amour), Carlo Romano (advogado Enzo La Rosa), Folco Lulli (Adelmo Conti), Dante Maggio (o cantor napolitano), Checco Durante (o empresário), Franca Valeri (a coreógrafa húngara), Silvio Bagolini ( Bruno Antonini), Giulio Cali (o mágico Edison Will), Gina Mascetti (Valeria Del Sole), John Kitzmiller (o trompetista John), Carlo Bianco (o pianista russo), Italo Dragosei (o guarda nocturno), Alberto Lattuada, Vittorio Caprioli, Joseph Falletta, Mario de Angelis, Vanja Orico, etc.

**Produção:** Mario Ingrams, para Film Capitolium / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 98 minutos / **Estreia Mundial:** Itália, a 6 de Dezembro de 1950 / Inédito comercialmente em Portugal.

---

**Luci del Varietà** é um filme de Lattuada ou de Fellini? A resposta não é tão simples como dizer que se trata do resultado de uma colaboração eficaz. A colaboração entre os dois já vinha de 1947, em **Il Delitto de Giovanni Episcopo** e **Senza Pietà** (1948), tendo já Fellini, neste último filme, como asseguram as crónicas, participado na realização. Os testemunhos sobre **Luci del Varietà** são contraditórios, manifestando-se ao sabor dos interesses e/ou das paixões de cada um. Fellini afirma que dele são o argumento e realização. Lattuada diz, por sua vez, que tudo o que tem a ver com a realização lhe pertence. Os testemunhos dos outros participantes, actores e colaboradores, dividem-se. Carla Del Poggio minimiza o trabalho de Fellini. Pinelli (co-argumentista) salienta a importância da sua participação. A questão não é pacífica, e não parece que alguma vez se chegue a acordo. Depois destaca-se também o papel da crítica. À saída do filme o destaque vai para o nome de Lattuada, e Guido Aristarco afirma nas páginas de “Cinema” que se trata do melhor filme do autor de **Il Mulino del Pò**. Paternidade que ninguém contesta até que a partir de 1952 se afirma o realizador Fellini. Nos temas de **Lo Sceicco Bianco** e **La Strada** encontram-se continuções dos que se manifestavam em **Luci del Varietà** e o próprio estilo tem muitas semelhanças, pelo menos em grande parte do filme (os exteriores nas estradas; a sequência da festa na segunda parte). A partir deste momento a crítica começa a interrogar-se e a destacar o papel de Fellini neste filme. Tudo é fruto do renome que o futuro autor de **La Dolce Vita** ia alcançando e as invejas que despertava principalmente a partir do momento em que um Oscar da Academia de Hollywood foi ornamentar o seu gabinete com **Le Notti di Cabiria**.

Para o que nos importa, a polémica não fará muito sentido. **Luci del Varietà** é indubitavelmente um filme de Lattuada e de Fellini em que a questão do tema (mais próximo do universo do segundo do que do primeiro. O mundo do pequeno espectáculo, com as suas misérias e frustrações está inteiramente ausente dos restantes filmes de Lattuada, o que não se passa com Fellini, que neste filme lança ideias e situações que mais adiante desenvolverá) leva a que a personalidade de Fellini se manifeste acima da de Lattuada. Pelo contrário, no filme anterior de Lattuada em que Fellini participou na realização, **Senza Pietà**, a abordagem “neo-realista” (para utilizar o chavão conhecido), o tema e o recorte das personagens apontam para a influência do primeiro. Digamos que nos filmes anteriores Lattuada é a galinha que choca o ovo Fellini e **Luci del Varietà** representa o momento em que a casca se rompe e o pinto resolve ir à sua vida, talvez um pouco arrogante atribuindo-se toda a responsabilidade pelo seu nascimento mas indiferente às bicadas do resto da ninhada invejosa. Para Lattuada a paternidade de **Luci Del Varietà** pouco adianta ao seu estatuto de realizador até porque os

seus interesses estão noutra direcção: no “caligrafismo” inicial de **Il Delitto...** onde se inscreve também o filme que fará dois anos depois, **Il Cappotto** e que ainda é uma das obras mais importantes do cinema italiano dos anos 50, no melodrama que segue o modelo do “neo-realismo” mas o transcende, em **Anna** (feito logo a seguir ao filme que vamos ver) cujo êxito internacional lhe fez esquecer o desastre comercial de **Luci...**), a que se segue **La Lupa** e **La Spiaggia**, praticamente os últimos arremedos “neo-realistas” de Lattuada antes de se lançar em novas vias mais comerciais a partir de um dos melhores filmes de grande espectáculo que os estúdios italianos produziram na década de 50: **La Tempesta**. Neste ecletismo que se manifesta ao longo da sua carreira, acomodando-se a modas, se encontramos um homem de saber e eficiência profissional, não se descortina, porém, uma “temática” como a que se insinua em **Luci del Varietà** que é, pelo contrário, o embrião da obra de Fellini. Para rematar pode-se utilizar a própria argumentação de Lattuada: **Luci del Varietà** é “filho” de “duas famílias”, a de Lattuada e a de Fellini (as mulheres de ambos, Bianca Lattuada e Giulietta Masina, também participam nele, a primeira na produção e a segunda no elenco), antes de se separarem.

**Luci del Varietà** abre com um espectáculo de variedades por uma pobre companhia ambulante, num teatrinho onde somos introduzidos após um genérico à **Citizen Kane** e o enquadramento numa rua pobre e mal iluminada segundo o modelo do “neo-realismo”. Mas logo o espectáculo faz esquecer estas referências, remetendo-nos para um outro “mundo” que no cinema ou se transfigura num espectáculo de luxo ou para a comédia popular de Macário e Tótó. Aqui surge logo a diferença: a introdução de um “grotesco” tipicamente felliniano, apenas esboçado, e a ternura por essa gente frustrada por esses actores medíocres que ele tão bem conhece e que serão presença constante na sua obra. Todos os sinais estão presentes nessa primeira sequência: a fusão do cartaz para o interior da sala, o plano da coxia (a sequência de cinema de **Amarcord**), Pepino de Filippo (mostrando que foi, como Tótó, um actor espantoso, a quem faltaram oportunidades no cinema) no “entertainer” numa imagem que juraríamos que Tony Richardson imitou para Laurence Olivier em **The Entertainer**, e as celulíticas coristas cujas carnes estremecem ao menos requebro, o cantor napolitano pateado e o pobre mágico engole-vidros (o que, pelo contraste, proporciona a Fellini um dos seus *gags* característicos na sequência do jantar na quinta). E o olhar apaixonado pelo mundo do espectáculo que da plateia lança Liliana (Carla del Poggio) que se sobrepõe ao de Wanda contemplando o seu **Sceicco Bianco**. Liliana é a candidata a um lugar na trupe e insinua-se na mesma forma que Eva o faz junto de Margo no filme de Mankiewicz, de que é contemporâneo, o que não deixa de ser curioso dado que o final de **Luci del Varietà** se procede da mesma forma, com a entrada da nova candidata a vedeta, depois do triunfo de Liliana e do seu abandono do grupo. Num caso e noutro tudo acontece como num sonho (mais uma vez a temática felliniana), com Dalmonte acordando no comboio para ver à sua frente a nova mulher. Por aquelas ruas e veredas do campo e as figuras caricatas dos “notáveis” preparando-se para a fácil conquista das coristas, passam já as imagens dos **Vitelloni**, pelo destino de Dalmonte a desesperada solidão de Zampanò e Gelsomina, de **Cabíria**, do Augusto de **Il Bidone**, e também a luz da esperança que consiste em voltar à estrada (o lado chaplinesco do realizador). E esses longos planos do grupo solitário ao longo da estrada, com a distribuição dos seus membros ao longo da profundidade de campo, se Lattuada não é alheio a eles (lembramos o seu magnífico **Il Mulino del Pò**) está muito mais próximo da composição dos planos dos **Vitelloni** pelas ruas da cidade ou junto da praia. Fellini já tem uma maneira de “ver” os planos que, mesmo que não os tenha dirigido surgem conforme os idealizou. Lattuada parece ter sido, em grande parte, mero executante.

A segunda parte do filme, com a chegada da trupe à cidade, altera o registo. Lattuada estará aqui mais presente e vigilante, mais no seu “meio”, influência testemunhada também pela maior importância do papel de Carla del Poggio, já intérprete dos dois filmes anteriores deste realizador (**Il Mulino del Pò** e **Senza Pietà**), sendo também protagonista deste último o negro John Kitzmiller, que vemos aqui na figura do trompetista. Se sinais de Fellini se encontram nesta segunda parte é na sequência do cabaret que antecipa a orgia de **La Dolce Vita** e na despedida final na estação do comboio com o encontro com a nova candidata. Possivelmente por lá andar também Wanda sonhando com o seu sheik. Com um comboio que parte termina **Luci del Varietà**. Com um comboio que chega trazendo Wanda em busca do seu sonho, começa o primeiro filme inteiramente de Fellini: **Lo Sceicco Bianco**.

Manuel Cintra Ferreira